

O ASILO DE ÓRFÃS SÃO BENEDITO: CARIDADE E FILANTROPIA ATRAVÉS DA IMPRENSA NÃO PEDAGÓGICA

JEANE DOS SANTOS CALDEIRA¹; GIANA LANGE DO AMARAL²

¹Programa de Pós-Graduação em Educação - UFPel – jeanecal@yahoo.com.br

²Programa de Pós-Graduação em Educação – UFPel – gianalangedoamaral@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

A inserção da imprensa não pedagógica em pesquisas se apresenta como possibilidade de fonte no âmbito da História das Instituições Educativas. Até a década de 1970, essas fontes, por muitos historiadores eram desconsideradas sob a alegação de não atenderem aos requisitos de fontes marcadas pela objetividade, neutralidade, fidedignidade e credibilidade. Isso em função da crença de que tais veículos de informação sofriam influência da classe dominante, além do jogo de interesses e discursos ideológicos (LUCA, 2005). Nas últimas décadas o uso dessa fonte em pesquisas históricas vem ganhando força e credibilidade, dessa forma, o uso de periódicos passou a ser mais uma ferramenta para trabalhar com o passado.

Nesse intento, este estudo decorre de uma pesquisa mais ampla em nível de mestrado e que está vinculada a um projeto intitulado *Acervos escolares: possibilidades de pesquisa, ensino e extensão no campo da história da educação*, desenvolvido na linha de pesquisa em Filosofia e História da Educação – PPGE/UFPEL. Com o presente texto pretende-se evidenciar o trabalho de caridade e filantropia no Asilo de Órfãs São Benedito fundado no início do século XX, localizado em Pelotas/RS a partir do estudo de periódicos locais.

Cabe frisar que o Asilo de Órfãs São Benedito, hoje Instituto São Benedito, foi fundado no dia 6 de fevereiro de 1901 e inaugurado oficialmente no dia 13 de maio do mesmo ano. A Instituição foi criada por Luciana Lealdina de Araújo, também conhecida por “Mãe Preta”, filha de mãe escrava, que dedicou sua vida fazendo caridade aos mais necessitados. Luciana atuou no Asilo durante 7 anos e em 1908 mudou-se para Bagé/RS (cidade em que faleceu no ano de 1930), juntamente com suas três filhas de criação, Alice, Avelina e Julieta.

Até 1912, o Asilo de Órfãs foi administrado por uma diretoria leiga formada por membros da sociedade pelotense, o ensino primário e os ensinamentos domésticos eram ministradas por um grupo de senhoras negras voluntárias. No dia 25 de setembro do mesmo ano, a diretoria da época entregou os serviços assistenciais da entidade à Congregação do Puríssimo, atual Imaculado Coração de Maria, que ficou encarregada de desenvolver o ensino primário e as orientações dos serviços domésticos.

Destaca-se que o trabalho que Luciana e outros colaboradores desempenharam na Instituição tem características da ação filantrópica que é marcada pelo trabalho humano e social destinados aos pobres, independente da religião ou condição social do praticante. Já a Congregação Imaculado Coração de Maria, tem seu trabalho ligado à caridade, palavra relacionada à doutrina cristã que significa amor a Deus e ao próximo. Em suma, pode-se afirmar que a filantropia seria uma laicização da caridade cristã, embora muitas vezes os jornais da época mencionassem apenas o trabalho de caridade ocultando a prática de filantropia.

A função desempenhada pela Instituição foi fundamental na vida dessas meninas carentes, pois durante muitos anos a obra assumiu ao mesmo tempo o papel da família, escola, Igreja e da sociedade. Para o estudo dessa importante

Instituição, além das fontes escritas oficiais, foram inseridos recortes dos jornais locais, *A Opinião Pública* fundado em 1896 e *A Alvorada*. Ao que tudo indica, *A Opinião Pública* atingiu um grande público leitor, inclusive das camadas populares. Seus exemplares podem ser consultados hoje – assim como no passado – na Bibliotheca Pública Pelotense que tem o acervo praticamente completo. Salienta-se que o referido jornal teve sua circulação até 1962.

O jornal *A Alvorada*, faz parte da história da imprensa negra pelotense. Mello (1995, p. 93) ao se referir à população negra daquele período afirma que:

A criação do *A Alvorada*, que data de 5 de maio de 1907, é uma evidência de uma inconformidade com a situação vivida. Tendo existido até 1965, em média com oito páginas, esse semanário foi o mais duradouro jornal da imprensa negra no Brasil.

O jornal *A Alvorada* pode ser consultado na Bibliotheca Pública de Pelotense que possui exemplares correspondentes aos períodos de 1931 a 1935 e 1946 a 1957¹.

2. METODOLOGIA

Para análise do tema proposto, utilizou-se fontes documentais impressas e recortes de jornais de 1933 e 1946. Segundo Amaral (2003, p. 43), o uso de jornais como fontes documentais possibilitam:

[...] uma leitura das manifestações contemporâneas aos acontecimentos, e uma real aproximação dos discursos emitidos na época em relação ao projeto de sociedade, bem como às instituições sociais, e dentre elas, à escola. Tais fontes, que se caracterizam pelo seu caráter polêmico e por vezes passageiro, representam um produto cultural de sujeitos específicos em um determinado contexto histórico.

Como fundamento teórico-metodológico, vem sendo utilizados os estudos de Amaral (2003), Luca (2005), Mello (1995), Negrão (2004), dentre outros.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Através da análise do jornal *A Opinião Pública*, pôde-se perceber o quanto a elite pelotense é destacada pelas práticas de filantropia e caridade. As reportagens sobre o Asilo estão acompanhadas por inúmeros nomes de pessoas que colaboraram de forma voluntária dando visibilidade a estes colaboradores. Nesse sentido é que Negrão (2004, p. 48) tece comentários sobre a intencionalidade de tais práticas:

Variados segmentos sociais irmanaram-se em torno da dimensão filantrópica, em especial a Igreja, a oligarquia, a imprensa e o Governo Municipal estiveram lado a lado, seja pela fé, cuja caridade garantia o céu, seja pelo prestígio pessoal que eternizava os nomes que engrossavam as fileiras das benemerências, seja pela projeção política de lutar pelo compromisso público de assistência aos menos favorecidos.

¹ Para saber mais ver LONER, Beatriz Ana; GARCIA, Sônia Tavares. Relação de jornais existentes na Biblioteca Pública Pelotense. **História em Revista (UFPel)**, Pelotas, v. 6, p. 133-164, 2000.

A autora ainda afirma que no caso de seu estudo, grandes doações e lances em leilões eram feitos pela elite em prol do Asilo de Órfãos de Campinas, o que gerava várias representações como a caridade cristã e o poder econômico que elevavam o status de homens ricos e poderosos. Ressalta-se que tal situação era semelhante à observada no presente estudo conforme é demonstrado a seguir em uma notícia:

Decorreu magnífica a festa proporcionada as recolhidas do Asilo de Órfãos São Benedito. As 9 horas, repleta a capela de exmas, famílias, foi celebrada a missa festiva. No côro as recolhidas, sob a regência da professora d. Leonilda B. de Tolla, entoaram belos cânticos. Vocalizaram a Ave-Maria a senhorita Maria Bandeira e o saluris, a exma. sra. d. Suelei Lund Azevedo [...] No salão de honra, onde se erguia a Arvore de Natal, doada pela sra. d. *Luiza Behrendorf Maciel* e artisticamente ornamentada pelo casal *Luiz Schuch*, deu-se a distribuição de brinquedos e objetos úteis a's recolhidas, ocasião em que proferiu expressivas palavras o sr. *Domingos de Souza Moreira*, presidente do instituto. A entrega dos prêmios *Francisco Behrendorf*, *Antônio J. Santos Junior*, *Haidée Bordagorry de Assumpção*, *Madre Inilda*, *Julia Franqueira Moreira*, *Dr. Ildefonso Simões Lopes*, que couberam respectivamente, às meninas Ninfa Paes da Silva, Esmeralda Antunes, Angela Rodrigues, Catarina Fernandes, Laura Satt, e Eliete Mendonça, decorre por entre aplausos da assistencia. O premio *Dilermando Araujo*, constante do certificado de datilografia da Escola Mista de datilografia, gentilmente oferecido pela sra. Adalgisa Barcelos Araujo, coube às meninas Laura Satt, Ninfa Paes da Silva, Lisete Mendonça e Catarina Fernandes [...] (A OPINIÃO PÚBLICA, 26/12/1946, grifos nosso).

Muitos nomes são de filantropos, membros da elite pelotense que em alguns casos têm seu retrato exposto no salão de honra da Instituição, como do Sr. Francisco Behrendorf e do deputado Ildefonso Simões Lopes. Os prêmios que carregavam os nomes de colaboradores da Instituição eram além de uma forma de homenagear pessoas já falecidas, um incentivo às famílias dos homenageados, que através de outras gerações, davam continuidade aos trabalhos filantrópicos na Instituição.

Ressalta-se que a divulgação dos nomes de membros da sociedade pelotense que colaboravam com a Instituição era realizada desde o início do século XX. Entre as notícias estavam a divulgação dos donativos arrecadados pelo Asilo, assim como o nome de seus colaboradores que doavam mantimentos, utensílios de cozinha, dinheiro, entre outros. O fato de essa forma de colaboração não ficar no anonimato provocou fortes críticas aos escritores do jornal *A Alvorada* conforme a seguinte notícia:

Neste seculo de prepotencia e fantasias em que a humanidade cuida sómente do seu eu, custoso é encontrar-se almas boas, verdadeiros apóstolos do Bem e da Caridade. Não vale acumular nos fundos dos cofres o metal sonante, como uma garantia da materia humana, é preciso que se pratique a caridade, que se condôa da miseria alheia, para, assim, se ter a certeza da salvação do espirito, perante Deus. A esmola, que a maioria da humanidade distribue, por vaidade espalhafatosa, para ver seu nome nas colunas dos jornaes, não é uma esmola sincera, não encerra ahi a expressão nitida da verdadeira caridade cristã, nem Deus toma em consideração esse ato de fantasia. A verdadeira caridade é aquela que pratica no anonimato, sem que o contemplado saiba de onde surgiu um pedaço de pão ou um cobertor para se agasalhar, só podendo agradecer a Deus. Feliz daquele que distribue a caridade sem fazer disso um reclame

para se popularizar, como fazem muitos, que ignoram os são princípios da verdadeira religião cristã (A ALVORADA, 6/08/1933).

O texto publicado é referente ao trabalho voluntário de um jovem estudante de Direito que ajudou a organizar o dia da Primavera no Asilo. O jornal descreveu o estudante como “coração grande, alma pura, que, sem possuir fortuna, espalha a verdadeira caridade sem espalhafato, sem que seu nome sirva de manchete nas colunas dos diários” (A ALVORADA, 6/08/1933). Além disso, o texto publicado vai ao encontro das ideias de Negrão (2004) ao afirmar que muitas práticas de filantropia caridade dava visibilidade aos doares e elevava o status de homens ricos e poderosos.

4. CONCLUSÕES

O jornal *A Opinião Pública* utilizado como fonte nesse trabalho, personagens de Pelotas são representados e enaltecidos através do poder exercido pela literatura, publicada durante anos nos periódicos locais, esses personagens e os acontecimentos ligados a eles, passam a ser evocados, e dessa forma alimentam o imaginário da cidade. Tal representação recebeu fortes críticas do jornal *A Alvorada*, periódico direcionado para leitores negros da população pelotense que não fazia parte da elite local, sendo que essa elite constantemente ganhava visibilidade e era exaltada pelos trabalhos de caridade e filantropia através da imprensa não pedagógica.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

A ALVORADA. Jornal. Pelotas, exemplar 06/08/1933.

A OPINIÃO PÚBLICA. Jornal. Pelotas, exemplar de 26/12/1947.

AMARAL, Giana Lange do. **Gatos Pelados x Galinhas Gordas**: desdobramentos da educação laica e da educação católica na cidade de Pelotas (décadas de 1930 a 1960). 2003. 338 f. Tese (Doutorado em Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS, Porto Alegre, RS, 2003.

LUCA, Tania Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezzi (Org.). **Fontes históricas**. São Paulo: Contexto, 2005. p. 111-153.

MELLO, Marco Antônio Lirio de. Para o recreio e a defesa da raça: a imprensa negra no RS. **Cadernos Porto & Vírgula**, Porto Alegre, n. 11, p. 90-97, 1995.

NEGRÃO, Ana Maria Melo. **Infância, educação e direitos sociais**: Asilo de Órfãos (1870-1960). Campinas: UNICAMP/CMU, 2004.